

O Rubi e o Agente de um Novo Tempo

O meu crachá ainda cheira a plástico novo e o sistema eletrônico flui sob meus dedos com uma rapidez que os veteranos chamam de "feitiçaria". Para mim, a Justiça era um conceito de alta resolução: Processo Judicial Eletrônico, assinaturas criptografadas e audiências por vídeo que encurtam distâncias em segundos. Sou o que chamam de novato, o herdeiro de um sistema que parece sempre ter sido veloz, asséptico e funcional. Mas bastou o primeiro café da tarde na copa — aquele café com cheiro de acolhimento que só os fóruns do interior de São Paulo exalam — para eu perceber que o Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região não se lê em manuais de integração; ele se escuta no balançar das cadeiras e no tom de voz de quem viu a poeira de quatro décadas assentar.

Sentados à mesa estavam os guardiões da memória, servidores com trinta anos de casa, cujas mãos ajudaram a costurar, literalmente com agulha e linha, os calhamaços que deram corpo à cidadania nesta região. Entre um gole e outro, um servidor veterano - o mestre de ofício - que viu a 15ª nascer quando o tribunal ainda era um projeto audacioso de descentralização, olhou para o meu crachá e sorriu com a complacência de quem conhece o futuro. Ele me explicou que, embora eu desse um "enter" no teclado e visse o Direito como um código, ali, naquelas terras de sol forte e gente trabalhadora, a Justiça sempre foi um trabalho manual.

Uma decana de secretaria que ingressou na magistratura quando tudo ainda era datilografado em três vias e o papel carbono era o nosso melhor aliado, começou a desfiar o passado. Ela não falava de artigos ou parágrafos, mas de rostos. Contou-me de uma época em que o maior pilar econômico daquela comarca — um setor que sustentava gerações de famílias — entrou em colapso repentino. O silêncio que se seguiu ao fechamento dos portões foi como um luto coletivo que paralisou a cidade. Naquela semana, o fórum deixou de ser um prédio público para se tornar o pronto-socorro da esperança. As pessoas chegavam não com raiva, mas com um vazio no olhar, pais e mães que não sabiam se o suor de uma vida inteira tinha deixado algum rastro de direito.

Ela lembrou, com uma nitidez que o tempo não ousou apagar, de um trabalhador de mãos calejadas que chegou ao balcão com o chapéu na mão, perguntando, com uma voz miúda, se o seu "tempo de existência" ali dentro daquele setor ainda valia alguma coisa para a lei. O Mestre de Ofício completou a história, descrevendo como os servidores e magistrados não olharam para o relógio ou para o calendário. Trabalharam noites a fio,

às vezes sob a luz de lanternas durante blecautes de tempestade, batendo alvarás como se estivessem tecendo a própria proteção daquelas famílias. Quando aquele senhor recebeu o documento que garantia o sustento dos seus netos, ele não agradeceu com formalidades jurídicas; ele apenas segurou o papel contra o peito e disse que, finalmente, sentia que o Estado tinha aprendido a falar a língua dele.

Ouvindo esses relatos, enquanto a luz da tarde filtrava pelas janelas do fórum, percebi que a 15ª Região é muito mais do que um órgão do Judiciário; ela é um agente silencioso e fundamental de desenvolvimento. Quando o Tribunal pacifica um conflito no coração do interior, ele não apenas encerra um processo; ele mantém o comércio local girando, garante que o pequeno empresário tenha segurança para continuar e assegura que o trabalhador se sinta parte do contrato social. A cidadania que celebramos nestas Bodas de Rubi não é um conceito abstrato de dicionário, mas a construção diária de um chão firme para quem produz e para quem empreende.

O rubi, pedra que simboliza estes 40 anos, é a metáfora perfeita para o que vi naqueles olhos veteranos: uma substância formada sob a pressão intensa das demandas sociais, ganhando a cor da vitalidade e da paixão de quem serve. Percebi que o meu crachá, agora, pesava de um jeito diferente. Ele não era mais apenas uma identificação de acesso, mas um convite para participar de uma engrenagem que há quatro décadas garante que o interior paulista não seja apenas um lugar de produção, mas um território de respeito humano.

Ao final do café, meu Mestre de Ofício levantou-se e ajeitou o seu próprio crachá, já gasto e sem o brilho do meu, mas com uma dignidade que nenhuma tecnologia pode emular. Ele me disse que, quando eu desse o meu próximo comando no computador, deveria lembrar que atrás de cada byte existe uma vida esperando que a gente seja a luz de vela no meio do apagão. Saí daquela copa entendendo que celebrar o quadragésimo aniversário do TRT-15 é honrar o passado de quem sujou as mãos de tinta de carimbo para que hoje tivéssemos a clareza do cristal líquido. O Tribunal é um gigante que respira o ar das cidades que abraça, e o meu compromisso, agora, é garantir que o fio dessa cidadania nunca se desfie, mantendo o brilho desse rubi tão firme e honesto quanto o aperto de mão de quem busca a Justiça.